

## A Angústia como questão: dialogando com Álvaro de Campos

Angela Guida<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho traz como proposta uma breve reflexão acerca da face indeterminável da angústia, tendo por princípio as reflexões que Martin Heidegger apresenta em **Que é metafísica?** e de que forma essa tonalidade afetiva encontra eco em textos do heterônimo pessoano – Álvaro de Campos.

Palavras-chave: Angústia; Nada; Diálogo.

*Se o ser-aí somente pode entrar em relação com o ente enquanto está suspenso no nada, se, portanto, somente assim pode existir e se o nada somente se revela originariamente na angústia, não devemos nós então pairar constantemente nesta angústia para, afinal, podermos existir?*

(HEIDEGGER, 1979, p. 41)

Se nos ativéssemos integralmente às reflexões que Martin Heidegger engendra acerca da angústia – aquilo que nos corta a palavra – uma escrita que se propõe como fulcro a angústia não pareceria fazer muito sentido. Não obstante, a possibilidade e o interesse de dialogar com essa tonalidade afetiva advêm justamente dessa aparente contradição, posto que esse “cortar a palavra” não nos parece ser entendido como pausa na fala e/ou escrita, mas sim, pela ausência de encontrar palavras que deem conta de determinar o indeterminável da angústia.

Heidegger dá início a suas reflexões em torno de um objeto que diante da linguagem corrente e dos olhos da ciência não parece revelar muita coisa. Aliás, não parece revelar nada. Trata-se do nada. O nada é nada. Não existe, assim, não desperta atenção, sobretudo por parte do olhar científico. Heidegger parte dessas observações para questionar se, de fato, o nada seria nada mesmo. O nada, diz Heidegger, é “a possibilitação da revelação do ente enquanto

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

tal para o ser-aí humano. O nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originariamente à essência mesma do ser. No ser do ente acontece o nadificar do nada. (1979, p. 41) Mas se o nada é renegado pela ciência, já não seria um indício de que ele é algo?, posto que só abandonamos e/ou renegamos aquilo que de alguma forma foi por nós admitido. Assim, ao rejeitar o nada como algo que não existe já é, de certa maneira, avalizar sua existência.

O nada – que outra coisa poderá ser para a ciência que horror e fantasmagoria? (...)

A ciência não quer saber do nada. Mas não é menos certo também que, justamente, ali, onde ela procura expressar sua própria essência, ela recorre ao nada. Aquilo que ela rejeita, ela leva em consideração.

Que essência ambivalente se revela aí? (...)

O nada é admitido. A ciência, na sua sobranceira indiferença com relação a ele, rejeita-o como aquilo que “não existe”.

Nós contudo procuramos perguntar pelo nada. Que é o nada? Já a primeira abordagem desta questão mostra algo insólito. No nosso interrogar já supomos antecipadamente o nada como algo que “é” assim e assim – como um ente.

(HEIDEGGER, 1979, p. 36-37, grifos do autor)

Todo o circunlóquio que Heidegger engendra acerca do nada conduz a uma só questão – a angústia. E ele chama essa tonalidade afetiva à reflexão por meio da tentativa de diferenciar o que poderia caracterizar o temor e a angústia. Medo, sentimento que uma hora ou outra todos acabamos por experimentá-lo, o que o caracteriza, bem o sabemos – é sua determinação. Conseguimos apontar aquilo que nos causa temor. “Nós nos atemorizamos sempre diante deste ou daquele ente determinado que, sob um ou outro aspecto determinado, nos ameaça. O temor de... sempre teme por algo determinado.” (HEIDEGGER, 1979, p. 39). Já a angústia vem marcada pela indeterminação. Não conseguimos apontar o que nos deixa angustiados. Como observa Kierkegaard, o “motivo da angústia é sempre um nada” (1968, p. 82). Não obstante, apesar de grande paroxismo, é nesse nada que perfaz a angústia que está o tudo, uma vez que estamos tão cheios e ao mesmo tempo tão vazios. “A angústia diante de...

é sempre angústia por..., mas não por isto ou aquilo. O caráter de indeterminação daquilo diante de e por que nos angustiamos, contudo, não é apenas uma simples falta de determinação, mas a essencial impossibilidade de determinação. (HEIDEGGER, 1979, p. 39).

Heidegger assinala que, ao sermos tomados pela angústia, somos também tomados por um estranhamento. E por que se dá tal estranhamento? Ele se dá em virtude de não conseguirmos enunciar o que nos angustia e quando indagados só nos é possível dizer que nesse sentir-se estranho, não temos nada. Ora, não é esse nada pleno de alguma coisa? Claro que sim. Entretanto não conseguimos identificar o que vem a ser essa “alguma coisa”, daí, Heidegger concluir que “a angústia manifesta o nada”.(1979, p. 39) A partir da constatação de que a angústia exprime o nada, parece ficar mais claro o circunlóquio que o pensador alemão faz ao redor do nada e lamentar o desprezo com o qual o tratamos. Ele se presentifica da maneira mais inquietante, posto que se perfaz na angústia e nenhum ser tomado por essa tonalidade afetiva consegue nadar em águas claras e calmas. Vejamos, por exemplo, o heterônimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos. Sua poética encerra muitas coisas porque se revela como uma poética prenhe de angústia, logo, marcada por desassossego e inquietação desmedidos. “Os outros nunca sentem./ Quem sente somos nós, / Sim, todos nós, / Até eu, que neste momento já não estou sentindo nada. / Nada? Não sei... / Um nada que dói...” (CAMPOS, 2002, p. 452, grifos nosso).

A professora Cleonice Berardinelli, grande estudiosa da poética pessoana e organizadora dos poemas de Álvaro de Campos, acentua que a angústia do poeta engenheiro está fortemente assinalada pela impossibilidade, impossibilidade essa evidenciada pela presença de, não raras, negativas. Impossibilidade que não se limita apenas à não realização daquilo tentou fazer, mas sobretudo pelo que não sonhou. “Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver.” (CAMPOS *apud* BERARDINELLI, 2004, p. 42) Já o ensaísta português,

Eduardo Lourenço, afirma que a poética de Álvaro de Campos encontra-se assinalada por uma temporalidade noturna. De fato, ao lado da infância e da morte, a noite se dá como elemento recorrente nos poemas de Campos. Mas não é apenas isso. Do noturno, subentende-se a ausência de clareza que por sua vez encontra eco no indeterminado. Assim, podemos ver nesse “tempo noturno” tão-só mais uma alusão à angústia.

Na epígrafe com a qual abrimos este escrito, Heidegger questiona se a angústia na qual estamos lançados não seria uma condição para nossa existência. Temos angústia, logo existimos! E Kierkegaard nos diz que a angústia “seria o momento na existência do ser.” (1968, p. 87) No poema **Bicabornato de soda**, diante de uma angústia súbita que causa “náusea do estômago à alma”, uma angústia que causa “desconsolação da epiderme da alma”, uma angústia que deixa “cair os braços ao sol-pôr do esforço”, Campos indaga se não deveria fazer da finitude alívio para tão grande angústia, para logo em seguida afirmar peremptoriamente que vai existir. Existir na angústia. “Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me? / Não: vou existir. Arre. Vou existir. / E-xis-tir... / E- xis-tir...” (CAMPOS, 2002, p. 366). Existir porque como observa Heidegger, a angústia é originária, está na essência do ser-aí humano e renunciá-la é renunciar ao viver.

Kierkegaard, em seu postulado sobre a angústia, diz-nos que ela é inerente ao homem desde a origem. “Quanto mais o homem volta às suas primitivas origens mais a angústia ganha profundidade em seu íntimo.” (KIERKEGAARD, 1968, p. 57). Assim, o filósofo remonta a angústia ao pecado original e afirma que ela se dá na inocência, inocência essa que se perfaz na ignorância, logo, na ausência de culpa. Não obstante, há nesse estágio de ignorância, de não capacidade para discernir entre o bem e o mal, segundo Kierkegaard, uma calma inquietante.

Em tal estado, existe calma e descanso; porém existe, ao mesmo tempo, outra coisa que, entretanto, não é perturbação nem luta, porque

não existe nada contra que lutar. O que existe então? Nada. Que efeito produz, porém, este nada? Este nada dá nascimento à angústia. Aí está o mistério profundo da vida: é, ao mesmo tempo, angústia. Sonhador, o espírito projeta a sua própria realidade, que é um átimo, e a inocência vê sempre e sempre, diante de si, este nada.  
(KIERKGAARD, 1968, p. 45)

Como Heidegger, Kierkegaard também associa a angústia ao nada e todo aquele que já experienciou semelhante tonalidade afetiva sabe o quanto custa esse nada que adormece em nossa origem. É o que nos diz Álvaro de Campos no poema **Esta velha angústia**. Versos que nos remontam à nossa origem angustiante, mas que não se perfazem na inocência e na ignorância citadas por Kierkegaard, posto que nosso poeta lamenta não ter em que e quem acreditar, pois se ele cresse em algo, teria alguma espécie de culpa, porque a crença, de certa forma, impinge-nos algum tipo de culpa e como nos diz Kierkegaard, a angústia se dá na inocência e ignorância, logo está isenta de culpa. Assim, ter culpa significaria não ter angústia e quiçá, para nosso poeta, fosse menos doloroso conviver com a culpa que com a angústia que lhe faz “pregas na alma”.

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.  
Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar-entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.  
(...)

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!  
Por exemplo, a por aquele manipanso  
Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.  
Era feiíssimo, era grotesco,  
Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.

Se eu pudesse crer num manipanso qualquer –  
 Júpiter, Jeová, a Humanidade –  
 Qualquer serviria,  
 Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?  
 (...)  
 (CAMPOS, 2002, p. 449-450)

Se a angústia subsiste na ignorância, logo, na não-culpa e se pensarmos que os postulados religiosos subsistem na culpa, então nosso poeta vê na crença, ainda que num “manipanso qualquer”, a possibilidade de imergir na culpa e conseqüentemente livrar-se da angústia que transborda de todo seu ser e o lança no desconfortável lugar do “estar-entre”. Tão desconfortável quanto estar no *entre* e no *quase*, é ter a palavra cortada e, conforme já comentamos, Heidegger nos diz que a angústia é aquilo que nos corta a palavra. Ora, a “linguagem não é a casa do ser?” Ter a palavra emudecida é estar sem casa, daí, ser a angústia algo que faz com que nos sintamos estranhos e, de certa forma, oprimidos. “O fato de nós procurarmos muitas vezes, na estranheza da angústia, romper o vazio do silêncio com palavras sem nexos é apenas o testemunho da presença do nada.” (HEIDEGGER, 1979, p. 40). A palavra cortada pela angústia equivale a uma tampa que sufoca nossa necessidade de discurso, nossa necessidade de estar em casa pelas vias da linguagem. **Puseram-me uma tampa**, poema de Álvaro de Campos, revela-nos o quão de angústia contém esse cortar a palavra, esse grito interrompido que também nos é possível vislumbrar na tela **O grito**. Um grito que transita pelo *é* e pelo *não-é*. O grito entrecortado da angústia. Ouçamos os claustrofóbicos versos de Campos:

Puseram-me uma tampa –  
 Todo o céu.  
 Puseram-me uma tampa.

Que grandes aspirações!  
 Que magnas plenitudes!  
 E algumas delas verdadeiras...  
 Mas sobre todas elas  
 Puseram-me uma tampa.  
 Como a um daqueles penicos antigos –

Lá nos longes tradicionais da província –  
 Uma tampa.  
 (CAMPOS, 2002, p. 447)

A angústia seria, assim, o colocar uma tampa sobre nossa existência? Mas como entender quando Heidegger pontua que ela é necessária à existência? Quiçá porque pela via da angústia questionamos nossa existência. Sob tal diapasão podemos dizer que a angústia em Álvaro de Campos é ontológica, posto que o poeta faz uso de tal tonalidade afetiva para pensar sobre si e sobre sua existência.

Às vezes medito,  
 Às vezes medito, e medito mais fundo, e ainda mais fundo  
 E todo o mistério das coisas aparece-me como um óleo à superfície,  
 (...)

É um olhar que me fita de um abismo incompreensível,

(...)  
 Ah, haver coisas!  
 Ah, haver seres!  
 Ah, haver maneira de haver seres  
 De haver haver,  
 De haver como haver haver,  
 De haver...  
 Ah, o existir o fenômeno abstrato – existir.  
 (CAMPOS, 2002, p. 307)

Kierkegaard vai ainda mais longe ao afirmar pode ser vista como “dirigida para a liberdade.” De que maneira a angústia seria a liberdade do humano se ela coloca sobre nós uma tampa? Quiçá seja justamente por esse motivo, posto que somos impelidos a tirar essa tampa. O tempo para fazer isso vai depender do *kairós* de cada um, mas, decerto, nenhuma vivência consegue experimentar esse abrir-se para o nada e dele sair incólume. Uma mudança haverá de ser dar, ainda que seja sob os domínios da dor, porque, como observa o professor Manuel Antônio de Castro – “Não há libertação sem dor.” Quiçá seja uma possibilidade tão extrema quanto nossa possibilidade mais extrema ainda – a morte. Assim, poderíamos

pensar que a angústia nos conduz a ação, ao contrário da melancolia que parece ser aquilo que nos tira a ação. Estaria aí a origem de todo o cansaço de Campos? Se a angústia revolve todo nosso ser, o cansaço é mais que normal e em Campos ele se manifesta em muitos poemas, como nos é possível entrever nos versos que se seguem:

O que há em mim é sobretudo cansaço –  
 Não disto ou daquilo,  
 Nem sequer de tudo ou de nada:  
 Cansaço assim mesmo, ele mesmo,  
 Cansaço.

(...)

Para mim só um grande, um profundo,  
 E, ah, com que felicidade infecundo, cansaço,  
 Um supremíssimo cansaço,  
 Íssimo, íssimo, íssimo,  
 Cansaço...  
 (CAMPOS, 2002, p. 475-476)

Ou então:

Eu, eu mesmo...  
 Eu, cheio de todos os cansaços  
 Quantos o mundo pode dar...  
 Eu...  
 (...)  
 (CAMPOS, 2002, p. 488)

E mais adiante continua a nos revelar seu cansaço, aparentemente, sem causa, mas nem por isso, menos doído; ou talvez por isso mais doído.

(...)  
 De que estou cansado não sei.  
 De nada me serviria sabê-lo  
 Pois o cansaço ficaria na mesma,  
 A ferida dói como dói  
 E não em função da causa que a produziu.  
 Sim, estou cansado,  
 (CAMPOS, 2002, p. 496)



Nas palavras que deram início a este escrito, recuperamos os circunlóquios que Heidegger engendra em torno do nada, no ensaio **Que é a metafísica?**, para chegar até a angústia e, após essa pequena reflexão, somos, sem muito esforço, levados a compartilhar com o filósofo sua crença de que o nada é uma grande questão, posto que ele é a mais completa manifestação da angústia e, decerto, quem experiencia essa tonalidade afetiva, não deve, não pode ver o nada com o mesmo olhar desprezível da ciência, porque o nada que perpassa a angústia é o nada mais pleno. É uma nada que é tudo. Um nada que pode nos salvar ou nos lançar numa angústia abismal como parece ser aquela que cerca Álvaro de Campos.

Afinal  
 Que vida fiz eu da vida?  
 Nada.  
 Tudo interstícios,  
 Tudo aproximações,  
 Tudo função do irregular e do absurdo,  
 Tudo nada...  
 É por isso que estou tonto...  
 (CAMPOS, 2002, p. 500)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Álvaro de. **Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Que é metafísica?** In: **Os pensadores**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: outra vez te revejo**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.